

A LÍNGUA MAIS ANTIGA DO MUNDO

Flávio Bessa da Costa*

O estudante de Teologia ao ter contato com as línguas bíblicas, pode se perguntar: Qual é a língua mais antiga do mundo? Esse questionamento é comum não somente na Teologia, mas também em outras áreas do saber, como na Linguística.

Assim, vamos analisar este problema a luz das pesquisas realizadas no campo da ciência da linguagem, mais especificamente na seara da Linguística Histórica que é segundo Gabas Jr. (2004, p. 77) o ramo da Linguística que “estuda os processos de mudanças das línguas no tempo”. Para isso, utilizaremos como referencial teórico a obra: *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure (1975); tendo, porém como fundamento final a Bíblia Sagrada, a qual é a nossa regra de fé e conduta. Porquanto como nos advertem Menzies e Horton (1995, p. 81): “A verdadeira ciência e a Bíblia não estão em conflito uma com a outra”.

Ora, já faz tempo que tanto linguistas como teólogos vêm arrazoando a fim de delimitar e definir qual é a língua mais antiga do mundo. Será o hebraico, o aramaico, o grego ou o latim? Lyons (1981, p. 20) comenta que: “Algo deveria ser dito, então, sobre a origem das línguas, problema que vem exercitando a mente e a imaginação do homem desde tempos imemoriais”. Movido por esse ímpeto, Berkhof (2009, p. 174) postula o argumento filológico de que: “O estudo das línguas da humanidade indica uma origem comum. As línguas indo-germânicas [ou indo-européias] têm em suas raízes um idioma primitivo comum, um velho remanescente do qual ainda existe no sânscrito”. O sobredito teólogo ainda continua com a sua argumentação, e diz que “há prova que mostra que o antigo idioma egípcio é o elo de ligação [sic] entre a língua indo-européia e a semítica”.

Dubois (1973, p. 269) de maneira sucinta, porém muito apropriada explica que: “O sânscrito é uma forma antiga sagrada, igualmente do ramo índico [isto é, advindo da Índia] e que permitiu demonstrar o parentesco das línguas indo-européias”. Sobre essa questão, Saussure (1975, p. 252) acrescenta que de fato alguns estudiosos atribuem “ao sânscrito maior antiguidade que a outras línguas e

* Flávio Bessa da Costa é graduado em Teologia pelo Seminário Evangélico da Igreja de Deus (SEID/Goiânia).

famílias de línguas”. Contudo, segundo este autor, atribuir ao sânscrito maior antiguidade do que os demais idiomas não quer dizer que ele seja efetivamente a língua que precede todas as línguas. Falar que um idioma é mais antigo que outro, pode simplesmente dar a entender que um determinado estado de língua foi descoberto pelo homem numa época mais antiga do que as outras, ou então que o termo *antigo* designa apenas uma língua mais arcaica cuja forma se manteve mais próxima do modelo primitivo.

De acordo com Gabas Jr. (2004, p. 93): “Um dos propósitos da Linguística Histórica é a classificação genética entre línguas e sua reconstrução”. Logo, verificamos que dentre as tarefas que a Linguística possui está a de “fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstruir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família”, acrescenta Saussure (1975, p. 13).

Em meio à existência destas chamadas *línguas-mães* esta também subjacente a ideia de famílias linguísticas (ou grupos lingüísticos). O conceito de famílias linguísticas é um elemento importante cujo entendimento nos ajudará no desenvolvimento do nosso raciocínio. Dubois (1973, p. 266) leciona que:

Diz-se que duas ou mais línguas pertencem à mesma *família* quando são aparentadas geneticamente (historicamente), isto é, quando tudo leva a pensar que elas se desenvolveram a partir de uma origem comum. Geralmente, reserva-se a denominação de *família de línguas* ao conjunto formado por todas as línguas conhecidas de mesma origem; nesse conjunto, os subconjuntos constituídos por certas línguas mais estreitamente aparentadas entre si que com as outras são *ramos* ou *subfamílias* (grifo do autor).

Nesse diapasão, Lyons (1981, p. 136) faz couro e acrescenta: “Agrupamos línguas em **famílias** pela sua **descendência comum** de uma **língua-mãe** mais antiga, e chamamos de **geneticamente relacionadas** as línguas que podem ser identificadas como provenientes de uma língua **ancestral** comum: é o caso das línguas românicas que podem ser relacionadas dessa forma ao latim” (grifo do autor).

Verificamos, portanto, que as línguas são classificadas por famílias em razão de “traços fonético-fonológicos e gramaticais”, averba Gabas Jr. (2004, p. 93); e esses traços comuns são adquiridos em decorrência da sua herança genética.

Dubois (1973) e Lyons (1981) mencionam como exemplo as línguas românicas – espanhol, francês, italiano e português – que são diretamente relacionadas ao latim.

Outro exemplo ilustre que demonstra a relação genética existente entre as línguas, é o hebraico e o árabe, os quais são idiomas da “família camito-semítica”, conforme expõem Dubois (1973, p. 269). Escrevendo sobre as características das línguas semíticas, Francisco (2010) comenta que os alfabetos empregados em todas as línguas semíticas são consonantais, sendo que somente tardiamente surgiram os sinais que representam as vogais. Ainda de acordo com este autor: Outra característica importante, segundo Francisco (2010), é o fato de que as raízes verbais dessas línguas possuem três consoantes.

Nesse sentido, Saussure (1975) ratifica ao dizer que é impressionante a persistência de certas características dos idiomas semíticos. O traço comum mais notável é a constituição de raízes verbais, as quais encerram três consoantes (por exemplo: *q-t-l*, “matar”), e isso persiste em todas as línguas de origem semítica; como no hebraico (*qátal*, *qátlá*, *qtól*, *qitlí*) e no árabe (*qatala*, *qutla*).

De fato o hebraico e o árabe possuem a mesma origem genética, sendo consideradas línguas-irmãs entre si. Tal origem é atestada por meio dos relatos bíblicos. Segundo as Escrituras, o ramo semítico tem a sua origem no personagem Sem: “São estes os filhos de Sem, segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, em suas terras, em suas nações” (Gn 10.31), o qual era filho de Noé (cf. Gn 5.32). Da mesma forma o ramo camito tem sua origem no personagem Cam: “São estes os filhos de Cam, segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, em suas terras, em suas nações” (Gn 10.20), o qual era outro filho de Noé (cf. tb. Gn 5.32).

Assim, verificamos que a catalogação linguística referente a família camito-semítica está em harmonia com a Bíblia Sagrada. Gabas Jr. (2004, p. 94) leciona que “a hipótese era de que as línguas em questão eram, no passado, uma única língua, chamada *língua comum* ou *língua-mãe*” (grifo do autor). Para Lyons (1981) falar que uma ou mais línguas tem a mesma família linguística é dizer que todas as línguas descendem de uma *protolíngua* (do grego: *protos*, “primeiro”).

Portanto esta concepção de famílias de línguas vem reforçar a tese da existência de uma protolíngua da qual descendem as demais. Mas qual era essa protolíngua? Era mesmo o sânscrito, ou era um antigo idioma egípcio? Essa resposta à ciência da linguagem ainda não conseguiu nos dar de maneira objetiva.

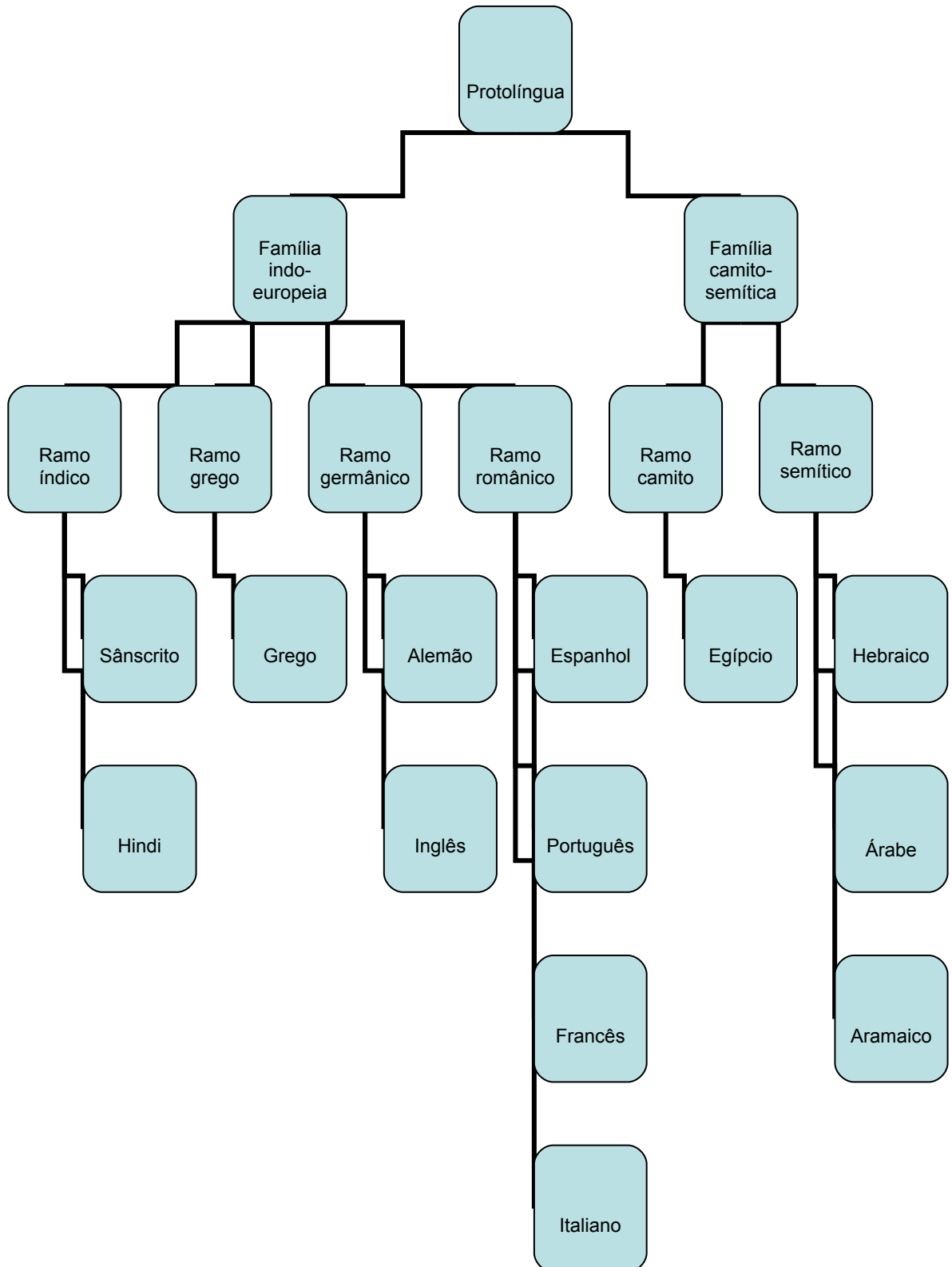
Apesar disso, observa-se que há um consenso entre os linguistas de que existiu no início da humanidade um idioma comum.

Essa tese está perfeitamente de acordo com a Bíblia, a qual declara: “Ora, em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar” (Gn 11.1), porquanto por meio da formação da espécie humana até a ocorrência da torre de Babel, as Escrituras revelam que existiu apenas uma língua comum. “Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem do outro. Destarte, o SENHOR os dispersou dali pela superfície da terra; e cessaram de edificar a cidade” (Gn 11.8-9).

Com efeito, quando a humanidade se “dispersou dali pela superfície da terra” (Gn 11.8), por meio da intervenção de Deus houve uma diversidade de linguagens, gerando línguas-mães com os seus vários ramos e famílias linguísticas. Por isso, a delimitação e a definição sobre a língua mais antiga do mundo é uma tarefa difícil de ser feita. Gabas Jr. (2004, p. 94) diz que: “É importante ressaltar que é praticamente impossível para o linguista determinar, de maneira precisa, em que ponto da história de uma língua esta se divide em duas (ou mais) e assim por diante, até chegar ao presente”.

Não obstante, Saussure (1975) trata de nos acudir e explica que toda língua é a continuação da que se falava antes dela; porque a linguagem é assim como a humanidade, está em continuidade absoluta. Portanto, “o francês”, por exemplo, “é senão o latim evoluído” diz Saussure (1975, p. 253). Assim, observamos que os linguistas ainda não conseguiram responder de maneira objetiva esta questão acerca da língua mais antiga do mundo. Eles apenas indicam um caminho, o qual é a existência de uma primeira língua que era falada no início da humanidade pelo homem. Assim, adotando a tese da protolíngua chegamos ao seguinte diagrama parcial das famílias de línguas indo-europeia e camito-semitica.

Diagrama: Famílias de línguas indo-europeia e camito-semítica



Fonte: Elaborado pelo autor

Com efeito, ao voltarmos para a Bíblia, observamos que conforme mencionado, da formação do homem até a torre de Babel havia somente uma língua (cf. Gn 1.26 – Gn 11.9). Foi por meio dessa língua, por exemplo, que Adão verbalizou para Eva as seguintes palavras de amor: “E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada” (Gn 2.23); foi também por meio dessa língua que o homem se comunicou com Deus “no jardim pela viração do dia” (Gn 3.8). Se essa língua era o sânscrito ou um antigo idioma egípcio, não sabemos. O princípio importante que subjaz em toda essa questão é que de fato existiu uma língua ancestral comum que era falada pelo homem no princípio da humanidade.

E por fim, estando à língua em continuidade assim como à humanidade, temos então que a língua que falamos hoje descende da língua falada por Adão e Eva no jardim do Éden. Porquanto no princípio Deus formou o homem e o dotou com a capacidade de se comunicar por meio de um idioma comum; sendo que as pesquisas realizadas no campo da ciência da linguagem convergem para a existência de uma língua ancestral comum; e isso só vem reforçar o testemunho da Bíblia que declara acerca da unidade da raça humana na pessoa de Adão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*/ Louis Berkhof. Tradução de Odayr Olivetti. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Almeida*. Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

DUBOIS, Jean, et. al. *Dicionário de Lingüística*. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 1973.

FRANCISCO, Edson de F. *Língua Hebraica: Aspectos Históricos e Características*. 2010. Disponível em: <http://www.vidanova.com.br/teologiabrasileira/LinguaHebraica_PeriodosHistoricosCaracteristicas.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2013.

GABAS JR. Nilson. Linguística Histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LYONS, J. *Linguagem e Lingüística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averborg. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MENZIES, William W.; HORTON, Stanley M. *Doutrinas Bíblicas: Uma Perspectiva Pentecostal*. Tradução de João Marques Bentes. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

SAUSSURE, de Ferdiand. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975.